



UMA VISÃO HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA DA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA

Carlos de Meira Mattos

Reconhecido, mundialmente, o maior geopolítico latino-americano, a par de outras referências de igual dimensão de sua biografia, o autor, ao apreçar o pensamento geopolítico do Brasil através do tempo, demonstra a perenidade da Geopolítica e sua força orientadora das nações ao encontro de sua grandeza.

Matéria extraída de conferência realizada no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, em 19 de abril do corrente ano.

Antecedentes

Quando se fala em Geopolítica deve-se, sempre, estar prevenido para enfrentar o ceticismo daqueles que acham que a Geopolítica é uma impostura inventada por governos imperialistas.

Nossa posição tem sido outra durante esses quarenta anos que

vivemos escrevendo sobre Geopolítica — considerâmo-la “um ramo da ciência política, aquele que estuda a aplicação da política aos espaços geográficos”.

Para realçar a importância da Geopolítica como ramo da Política, suporte da Estratégia, vamos aqui reproduzir dois conceitos emitidos: um, em 1904, pelo mais

respeitado cientista geopolítico, e o outro, em 1988, pelo Presidente da poderosa potência norte-americana, distanciados, portanto, de 84 anos.

O primeiro, de Mackinder, é o seguinte:

“o centro do poder mundial, o *heartland* estará situado na região central da massa continental euroasiática; a potência que dominar o *heartland* (Rússia Européia e Leste Europeu) dominará a Ilha Mundial (imensa massa euro-ásio-africana) e a potência que dominar a ilha mundial dominará o mundo” (1904).

Veremos agora as primeiras palavras da Mensagem, deste ano, do Presidente Ronald Reagan ao Congresso norte-americano:

“o interesse de segurança nacional mais importante dos Estados Unidos estaria em perigo se um Estado ou um grupo de estados hostis viesse a dominar a massa de terra eurasiática – aquela área do globo freqüentemente referida como a área central do mundo. Lutamos em duas guerras mundiais para impedirmos que isto ocorresse” (1988).

As duas referências acima nos revelam que o conceito geopolítico de Mackinder, sobre centro de poder mundial, vem dominando a mente dos estadistas das grandes potências durante mais de 80 anos

e já foi responsável por duas guerras mundiais e inúmeros conflitos localizados.

Para um estadista, ignorar a força irradiante das idéias geopolíticas é muito mais que ingênuo, é condenar a nação a grandes riscos.

Antes de Mackinder, o Almirante Mahan, nos Estados Unidos, traçou o destino de sua grande nação, em consonância aos apelos de sua geografia – imensa massa continental rica em recursos naturais de toda ordem, debruçada sobre os dois maiores oceanos da terra; teria que ser o grande celeiro do mundo através do domínio dos mares do globo (“The United States Looking Outward”, 1890). Vêm daí os passos sucessivos da alta política e da estratégia norte-americana do fim do século XIX e primeiras décadas do século XX – a chamada fase da busca do “destino manifesto”: a vertebração do território através da rede de ferrovias Atlântico-Pacífico e das rotas de ligação Norte-Sul (era a valorização da imensa massa territorial), a guerra contra a Espanha em 1899, que resultou a cessão aos Estados Unidos de Porto Rico, Guam e Filipinas; nesta mesma ocasião, dá-se a anexação do Havaí (era a expansão do domínio dos mares); intervenções no Caribe e América Central (consolidação do domínio da região considerada “lago americano”; abertura do Canal do Panamá sob jurisdição norte-americana (controle da passagem interoceânica), 1914.

Não seria um simples capricho imperialista de um político ambicioso que teria a força de dar continuidade durante tantos anos, através de vários governos, à orientação política de nações responsáveis. Há que se buscar a razão no acerto da formulação geopolítica, cuja luz inspiradora são os apelos da geografia.

Em nosso país, para ilustrarmos com mais um exemplo, tivemos a genial inspiração geopolítica de José Bonifácio, quando, em 1821, redigindo as Instruções que serviriam de base de posicionamento aos deputados da Província de São Paulo designados a representá-la perante a Corte de Lisboa, prescreveu que defendessem a transferência da capital do Brasil para um ponto do interior. Eis suas palavras: "parece-nos também útil que se levante uma capital central no interior do Brasil, para assunto da Corte ou na Regência, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos de 15 graus, em sítio sadio, ameno, fértil e regado por algum rio navegável". Após outras considerações conclui: "desta Corte central dever-se-ão logo se abrir estradas para as diversas províncias e portos do mar". Esta idéia geopolítica fundamentada numa estratégia baseada nas realidades do território (imensa massa de terra, servida por um só oceano) inspirou a necessidade de, para nosso desenvolvimento, ocupar o interior, criar ali o pólo principal de administração, integrá-lo,

valorizá-lo, transformá-lo de potencial de poder em poder.

A idéia geopolítica de José Bonifácio, por consultar uma realidade geográfica incontestável, jamais se afastou das preocupações dos sucessivos governos brasileiros: regência, império, república velha e república nova. Figurou na letra das constituições, desde a 1ª Constituição da República, de 1892, e acabou sendo realizada no governo do Presidente Juscelino Kubitschek, um século e meio depois de ter sido lançada. Não se diga, portanto, que a sua força, tão resistente ao tempo e aos regimes políticos, não tenha sido a realidade da interação político-geográfica que ela representou e representa.

Poderíamos, como fizeram no passado o filósofo alemão Hengel e, contemporaneamente, o grande historiador inglês Arnold Toynbee, o cientista político norte-americano Spykman, o pensador francês Raymond Aron, citar centenas de exemplos de como a geografia influi no destino político das nações; preferimos, entretanto, não nos alongarmos. Vamos ficar nos três exemplos — Mackinder, Mahan e José Bonifácio.

O pensamento geopolítico no Brasil

É notável a antevisão do historiador português Gabriel Soares de Souza, no *Tratado Descritivo do Brasil*, escrito em 1587. Diz ele,

naquela época recuada, impressionado com a pujança geográfica da colônia, em início de povoamento:

“Está capaz para se edificar nela um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberana que seja um dos Estados do Mundo”.

O nosso patriarca da independência, José Bonifácio, como vimos, teve a inspiração de que a nossa geografia nos impunha um destino político continental que haveria de equilibrar e abastecer com suas exploradas riquezas nossa enorme fachada marítima. Quando sugeria a mudança da capital para o interior, revelava a compreensão de que a nossa realização como nação rica e próspera dependeria dessa capacidade de desenvolver o interior continental, onde estaria o nosso grande celeiro.

Ainda no Império, vivemos durante a Guerra da Tríplice Aliança a angústia de assistirmos Mato Grosso desguarnecido e despovoado invadido pelas forças paraguaias que ocuparam Corumbá, Bela Vista e Nioac. Essas áreas ficaram isoladas de nossos centros de poder situados na faixa litorânea do Rio e São Paulo. Suas comunicações com o centro político e administrativo do país se faziam pelo Rio Paraguai, alcançado através da navegação oceânica, do estuário do Prata, do Rio Paraná até encontrar o Rio Paraguai. Cortada a navegação neste rio, estávamos sem

possibilidade de socorrer nossas populações dos territórios invadidos e ocupados. Organizou-se a expedição do Coronel Camisão, que partindo de Campinas, via Uberaba, atingiu Nioac e tentou reconquistar as áreas invadidas. Somente para alcançar Nioac esta expedição levou mais de um ano e alichegou dizimada pelas moléstias adquiridas nessa longa penetração selva adentro, sem recursos de apoio logístico. O que foi o fim dessa façanha está descrito na obra literária e clássica de um de seus participantes, o então Capitão de Engenharia Escragnole Taunay, *A Retirada da Laguna*.

Essa incapacidade de defendermos as nossas fronteiras continentais, terminada a Guerra do Paraguai, foi objeto da meditação de inúmeros brasileiros que escreveram sobre o assunto ou apresentaram projetos, buscando uma solução para esta deficiência da administração política nacional. Essa frustração, causada pela incapacidade de enviarmos efetivos militares, por terra, necessários à contenção da invasão estrangeira ao território de Mato Grosso, fecundou as inteligências de vários engenheiros que apresentaram projetos de interiorização ferroviária. São dessa época os planos dos engenheiros Eduardo José de Moraes (1896), Ramos da Costa (1874), Bicalho (1881), Rebouças (1882) e Rodrigo Augusto da Silva (1886). Esses planos foram inspiradores da construção da estrada de ferro No-

roeste do Brasil, demandando de Bauru a Três Lagoas, Campo Grande e Corumbá, cruzando sucessivamente as barrancas dos Rios Paraná e Paraguai; e, também, do prolongamento internacional de Corumbá a Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, e de Campo Grande a Ponta Porã e Concepcion no Paraguai.

Em 1930, o então Capitão Mário Travassos, no seu livro *Projeção Continental do Brasil*, de grande divulgação, reforça as teses de interiorização com uma visão de integração regional atraída pelos nossos portos do Atlântico. Propõe que se complete a construção de uma rede ferroviária capaz de carrear para os portos do Atlântico — Santos, Paranaguá, São Francisco, Porto Alegre e Rio Grande — neutralizando a tirânica influência platina sobre as bacias dos Rios Uruguai, Paraná e Paraguai. Propõe a chegada dos trilhos brasileiros a Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, e daí a Arica no Pacífico. Sugere sistemas ferroviário, fluvial e aéreo, capazes de superar as dificuldades de trânsito que tornavam invertida a compacta massa continental sul-americana. Aponta os “nodos” — pontos de passagem da cordilheira andina para a bacia amazônica —, por onde o intercâmbio vial Atlântico-Pacífico se tornará mais fácil. Enfim, Travassos, há 58 anos passados, oferece uma solução geopolítica para vertebrar a massa continental sul-americana.

Sobre as idéias de Travassos muito se escreveu na América do Sul; seus livros *A Projeção Continental* e *Introdução à Geografia de Comunicações Sul-Americanas* foram traduzidos por vários países hispânicos. Mas, o que é importante para nós é que Travassos foi o semeador dos projetos hoje transformados em realidade — dos corredores de exportação rumo aos portos de Santos, Paranaguá e Rio Grande —, e também o articulador do sistema de transportes que trouxe para esses portos atlânticos brasileiros parte da economia do Paraguai e Bolívia.

Da mesma época que Travassos, robusteceram o pensamento geopolítico brasileiro os escritos do Professor e Engenheiro Everardo Backeuser, e particularmente o seu livro *Geopolítica Geral do Brasil*, editado em 1952 pela Biblioteca do Exército. Backeuser era um teórico erudito e procurou introduzir o estudo da ciência geopolítica em nossas universidades. Deixou talvez o melhor estudo sobre fronteiras. Escreveu sobre a Teoria das Fronteiras e, à luz dessa Teoria, estudou as fronteiras brasileiras. Preocupou-se com os “vazios” em nossas lindes, em particular no norte do país. Foi o inspirador da política de fronteiras adotada após a Revolução de 30, com a criação dos territórios federais nas áreas de fronteiras mortas mas onde havia conexão internacional, através de rios navegáveis ou braços de mar.

Após Travassos e Backeuser, surgem, a partir dos anos 50, os primeiros escritos de Golbery do Couto e Silva. Depois de escrever quase 20 anos, consolida seu pensamento no seu livro básico *Geopolítica do Brasil*, editado em 1967.

Golbery, no seu livro de 1967, projeta suas luzes geopolíticas sobre o rumo do processo de desenvolvimento em curso no Brasil. Faz a radiografia da geopolítica do Brasil Contemporâneo. Vejamos os traços fundamentais dessa radiografia:

"Na verdade, o Brasil é bem um "império", vasto império compacto, de ampla frente marítima e dilatada fronteira continental equidistantes, quase em torno do eixo de simetria norte-sul, que vai do Cabo Orange à barra do Chuí.

Ocupa, sem dúvida, aquela frente marítima, uma posição um tanto marginal no caprichoso contorno do oceano mundial em que o Atlântico Sul é nada mais que um golfão excêntrico.

Estende-se aquela fronteira terrestre, em grande parte, através do deserto em que a Hiléia domina como vastíssimo cinturão protetor.

Essas condições, favoráveis de início, é que asseguram o indispensável grau de imunidade a ações de conquista, mantidas

em potência ou duração, provenientes do exterior.

É, de fato, a própria insularidade, em proporções continentais."

A este resumo de enfoque global do território em face, inclusive, às pressões externas, segue-se a radiografia interna traduzida no levantamento de áreas geopolíticas e suas dinâmicas. Destaca o autor:

"— uma área geopolítica de reserva geral ou de manobra central — São Paulo, Rio de Janeiro e Guanabara, Espírito Santo, Minas Gerais e o Sul de Goiás com o Distrito Federal;

— uma área geopolítica da ala norte abarcando os Estados do Nordeste, desde a Bahia até o Maranhão;

— uma área geopolítica da ala sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul;

— uma área geopolítica do Oeste, reajustada aos contornos de Mato Grosso e mais o Território de Rondônia;

— finalmente, uma área geopolítica da Amazônia — Amazonas, Acre e Territórios do Amapá e Roraima."

Dentro da concepção do autor, o *heartland* brasileiro, situado no planalto central, em torno do Distrito Federal, a mesma área-chave visionada por José Bonifácio em 1821, "traz inscrito em si mesmo um destino imperial manifesto". Isto em termos de uma geopolítica intrafronteiras. Concebe o General Golbery o estiramento da

área geopolítica de reserva geral ou de manobra central ainda mais a noroeste para fincar o seu vértice interior na região do *heartland central*, alargando assim, até essa região estratégica, a influência dinamizadora de nosso núcleo irradiador de progresso. O abarcamento do *heartland* pela área de manobra central representaria um impulso decisivo à política de continentalidade, a concretização da Marcha para Oeste realizada não mais pelas bandeiras de Borba Gato, Chico Preto, Pascoal Moreira Cabral, Fernando Dias Pais ou Raposo Tavares, mas, como apregoava Cassiano Ricardo, pelos instrumentos modernos de conquista de terra — tecnologia industrial e agrária, energia, transportes, pesquisa e, até mesmo, a cibernética. Golbery pensa na vertebração do território e integração dos espaços vazios, partindo de um núcleo progressista agrandado pela integração do Planalto central; daí para diante, a dinamização do processo integrador se auto-alimentará.

Como características dominantes da geopolítica brasileira aponta Golbery do Couto e Silva:

- geopolítica de integração e valorização espaciais;
- geopolítica de expansionismo para o interior e, também, de projeção pacífica no exterior;
- geopolítica de contenção, ao longo das linhas fronteiriças;
- geopolítica de participação

na defesa da civilização ocidental;

— geopolítica de colaboração continental;

— geopolítica de colaboração com o mundo subdesenvolvido de aquém e além-mar;

— geopolítica de segurança ou geoestratégia nacional, em face da dinâmica própria dos centros externos do poder."

Termina Golbery esse capítulo do seu livro com estas palavras:

"Cremos firmemente que se enquadrem, a rigor, às próprias aspirações e interesses nacionais. E, pois, plenamente satisfaçam às duas condições primárias a que deve subordinar-se a única Geopolítica, para nós digna desse nome — ser uma geopolítica de fato atualizada e, sobretudo, ser uma geopolítica essencialmente brasileira."

Em nosso livro *Brasil-Geopolítica e Destino*, editado em 1975 (2ª edição em 1979), analisamos os estímulos políticos do espaço brasileiro, destacando essencialmente aqueles de apelo marítimo e de apelo continental. Os estímulos marítimos manifestam-se sobre nosso território desde os primeiros dias de nossa história. Ressaltamos a importância de nossa posição atlântica, que nos vincula, há vários séculos à Europa, aos Estados Unidos e ao Continente Americano e

que, contemporaneamente, abre os nossos portos para o comércio com o Oriente Médio e o Extremo Oriente; coloca-nos *vis-à-vis* com as Repúblicas da vertente oeste da África, das quais nos aproximamos cada vez mais, mercê dos avanços tecnológicos, num novo conceito de vizinhança e de fronteira marítima. Concluímos, então, que o Atlântico, caminho de quase todo o nosso comércio exterior, poderá vir a ser, também, a solução para nossa tão almejada auto-suficiência de petróleo. Nossos 7408 km de litoral são o nosso pulmão para o mundo exterior. Impõe-se à geopolítica brasileira manter permanentemente "oxigenada" esta fronteira atlântica, através de uma política marítima e naval moderna e eficiente.

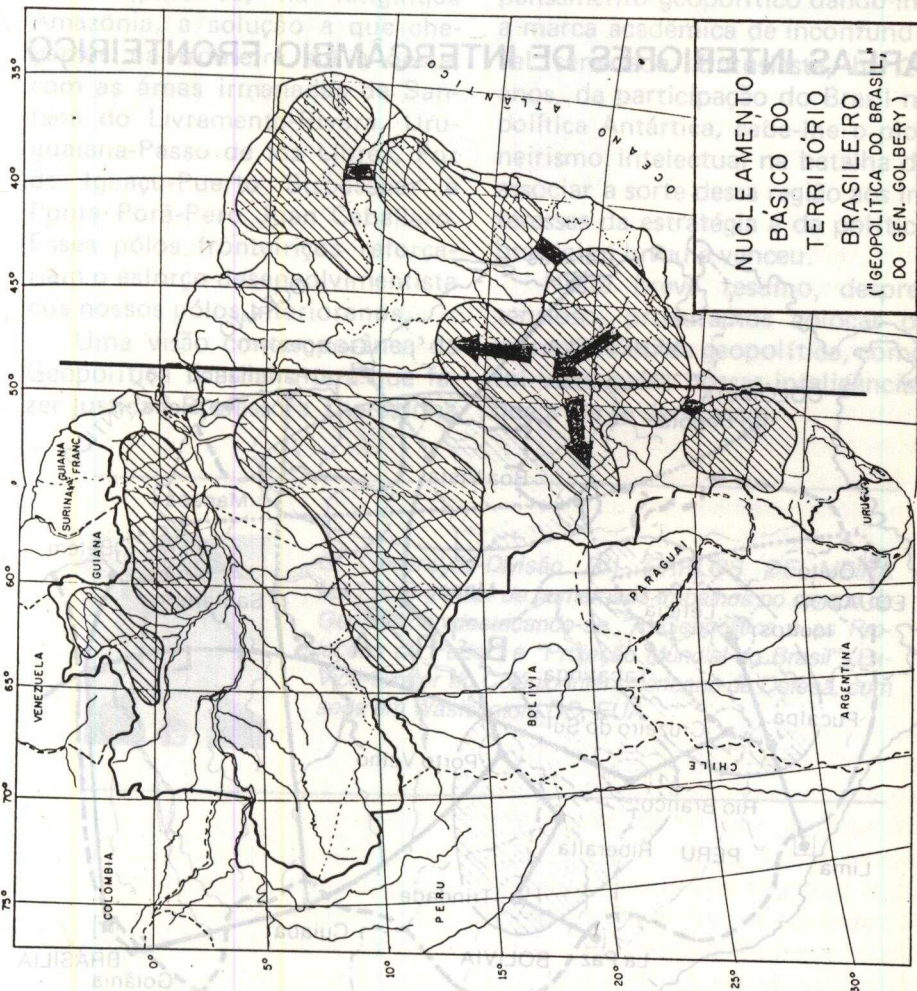
O estímulo continental de nosso espaço geográfico, dizíamos então, está na sua imensa massa territorial possuidora de enormes recursos naturais ainda escassamente explorados. Uma vez aproveitadas economicamente essas potencialidades adormecidas, crescerá grandemente o nosso poder através do aumento do produto nacional bruto. O que hoje é potencial se transformará em poder. Para isto é mister vertebrar as áreas interiores do território, é mister despertar as forças da continentalidade.

Nossa massa interior, distante do mar, e não favorecida por saídas oceânicas fáceis, tem o seu desenvolvimento dependente de um certo grau de auto-suficiência econô-

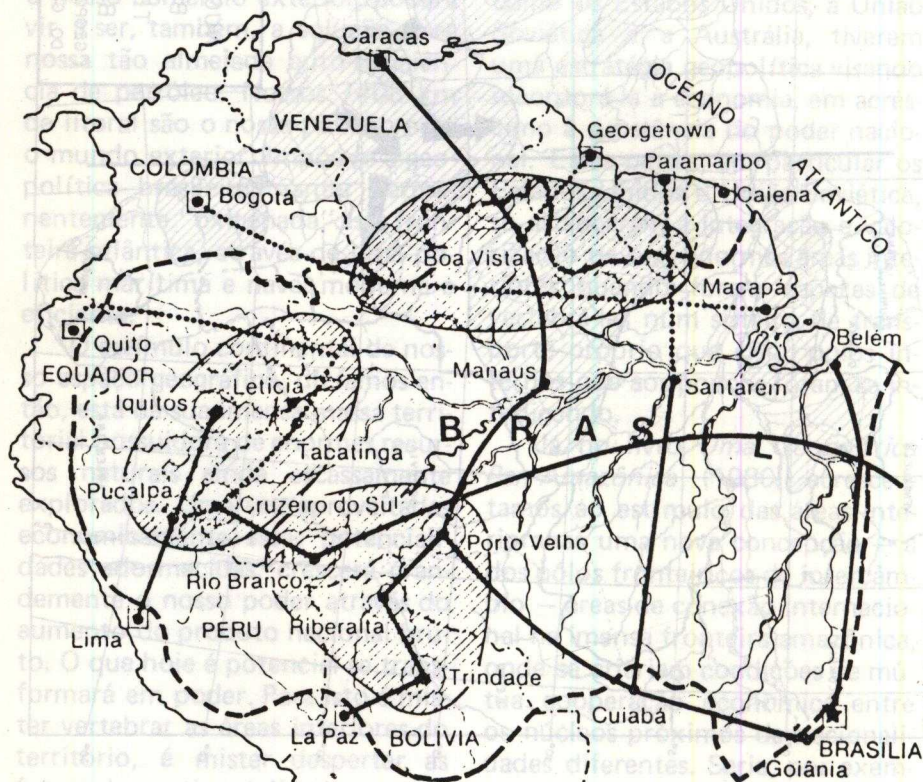
mica. Sugerimos, naquela ocasião, a implantação de pólos continentais autônomos, que expandiriam progressivamente seus círculos de influência, de forma a vir estabelecer-se no *hinterland* uma rede interiorana de progresso, com vida própria menos dependente da atração do mar.

Os países possuidores de grande massa continental despovoada, como os Estados Unidos, a União Soviética e a Austrália, tiveram uma estratégia geopolítica visando incorporá-la à economia, em acréscimo à substância do poder nacional. Esses países, em particular os Estados Unidos e União Soviética, só alcançaram a integração e valorização de suas enormes áreas interiores quando foram capazes de vertebrá-las num sistema de transporte próprio que criou pólos internos que aos poucos foram se interligando.

Já no livro *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, (1980), acrescentamos ao estímulo das áreas interiores uma nova concepção — a dos pólos fronteiros de intercâmbio — áreas de conexão internacional na imensa fronteira amazônica, onde se criariam condições de mútua cooperação econômica entre os núcleos próximos de nacionalidades diferentes. Seria, por exemplo, o caso do pólo internacional Boa Vista (Brasil), Santa Helena (Venezuela) e Léthen (Guiana) ou o pólo Tabatinga-Benjamim Constant (Brasil), Leticia (Colômbia) e Ramon Castilla (Peru). Seriam, es-



ÁREAS INTERIORES DE INTERCÂMBIO FRONTEIRIÇO



ses pólos internacionais, objeto de acordos especiais a fim de que se integrassem economicamente, irradiando progresso ao seu redor. Seria aplicar-se, na longínqua Amazônia, a solução a que chegamos na fronteira sul e oeste, com as áreas irmanadas de Santana do Livramento-Rivera, Uruguiana-Passo de los Libres, Foz de Iguaçu-Puerto Stroessner e Ponta Porã-Peró Juan Caballero. Esses pólos fronteiriços reforçariam o esforço desenvolvimentista dos nossos pólos interioranos.

Uma visão contemporânea da Geopolítica Brasileira terá que fazer justiça à Professora Therezinha

de Castro, das melhores inteligências dedicadas aos estudos geopolíticos. Sabe a Professora Therezinha racionalizar e metodizar o pensamento geopolítico dando-lhe a marca acadêmica de inconfundível seriedade. Entusiasta, há 20 anos, da participação do Brasil na política Antártica, cabe-lhe o pioneirismo intelectual na batalha de associar a sorte dessa região aos interesses da estratégia e da política brasileira; lutou e venceu.

Neste breve resumo, desprezioso, procuramos colocar os marcos de nossa geopolítica, como foi vista pelas nossas inteligências que a ela se dedicaram.



O General-de-Divisão R/1 CARLOS DE MEIRA MATTOS é autor de numerosos trabalhos no campo da Geopolítica, destacando-se "A Geopolítica e as Projeções do Poder" e "Projeção Mundial do Brasil". Ex-Vice-Diretor do Colégio Interamericano de Defesa, com sede em Washington, DC, EUA.